

Novos realismos

Beatriz Jaguaribe

Proliferando em reality shows, documentários, biografias, fotografias públicas, ficções, mundos virtuais e até em objetos insólitos tais como robôs humanoides e bonecas hiper-reais, as estéticas do realismo estão em toda parte. Na sua imensa variedade, estes novos códigos do realismo se expressam em múltiplos meios e obedecem a receituários diversos e propósitos contraditórios. Entretanto, o que nos permite incluir na rubrica do realismo manifestações artísticas e midiáticas tão díspares quanto o filme *O som ao redor*, o show de TV Big Brother Brasil, as fotografias estampadas nos jornais e as múltiplas biografias de celebridades que inundam o mercado? Se não há uma única resposta satisfatória a essa pergunta podemos traçar, ao menos, algumas hipóteses. Todos estes produtos e expressões enfatizam códigos específicos de verossimilhança. Buscam convencer o leitor ou espectador de que a representação que traçam possui um lastro na realidade. Alguns produtos artísticos do realismo crítico colocam em evidência seus próprios mecanismos de fabulação. Mas em muitos outros, como é o caso do realismo melodramático de tantas telenovelas, os códigos do realismo estão a serviço da suspensão da descrença buscando aguçar no espectador mecanismos de empatia e identificação. Existem filmes, fotografias e narrativas que usam o realismo para destacar aspectos chocantes da vivência humana. Finalmente, há também o uso do realismo como uma poética de significação do cotidiano banalizado.

O ponto a ser destacado é que estas expressões se apoiam ou criticam códigos de interpretação da realidade que são, por sua vez, já resultantes de um realismo naturalizado. Em sociedades democráticas, seculares e midiáticas, a construção social da realidade foi pautada pela interpretação realista provinda dos legados iluministas e científicos do século XIX. O realismo é o código estético da modernidade desencantada. A construção social da

realidade é intensamente disputada. É neste cenário de mediação midiática e simultaneidade de mundos diversos que os códigos múltiplos dos novos realismos oferecem pautas interpretativas da “vida como ela foi, é ou poderá ser”.

Neste número da revista ECO-Pós convidamos os leitores a explorarem as diversas modalidades do realismo nosso de cada dia. Em filmes que retratam a pobreza urbana, em construções subjetivas que desenham a intimidade como “the real thing”, em ficções que se mascaram como documentários e em documentários que parecem ficções, temos alguns exemplos da diversidade estética do realismo que torna cada vez mais porosa as fronteiras entre a realidade e a imaginação.

Como editora que encerra sua gestão neste número, quero expressar meu total agradecimento à maravilhosa equipe que esteve trabalhando comigo nestes últimos anos. Foi graças ao esforço, dedicação e criatividade desta equipe que conseguimos realizar estes números da revista. Agradeço em ordem alfabética aos alunos da ECO: Diego Paleólogo, Elane Abreu, Keiji Kunigami, Maria Siqueira, Matheus Santos e Pablo Gonçalo. Agradeço também a Danusa Depes e Marcelo Carvalho que estiveram trabalhando conosco nos números *Cidades Midiáticas e Comunicação e Catástrofe*. Agradeço aos professores Giuseppe Cocco, editor convidado do número *Massas, multidões e mídias*, e Antonio Fatorelli e Victa de Carvalho, editores convidados do número *Mundo Imagem: fotografia e experiência*. Finalmente, agradecemos o professor Mauricio Lisovsky pelo apoio durante sua gestão como coordenador da pós-graduação e saudamos a inspirada nova equipe da revista ECO-Pós.